

Leitura fundamentalista da tradição do AT e NT da religião cristã: delineamento de suas formas possíveis

Fundamentalist reading of the OT and NT tradition of the Christian religion: delineation of its possible forms

 Lucas Fernandes do Nascimento¹

Submetido em 03/06/2024

Aceito em 06/06/2024

RESUMO

O trabalho em questão teve por objetivo observar/analisar o fundamentalismo religioso, entendendo este como uma atitude/leitura perante a tradição veterotestamentária e neotestamentária da religião cristã – Cristianismo. Delimitamos esta atitude no âmbito do Cristianismo e no Brasil. Questionamos se haveria algum problema na implementação da atitude fundamentalista na sociedade brasileira, enfatizando a realidade diversa e democrática bastante presente no país. Para compreendermos o fundamentalismo no contexto que dialogamos fizemos uso em citação de Leonardo Boff e Cássio Murilo Dias da Silva no tópico que pretendeu conceituarmo-nos no fundamentalismo religioso – especialmente aplicado à religião cristã. No tópico sobre a leitura fundamentalista religiosa no âmbito da tradição escriturística da religião em foco, elencamos em como se entende essa leitura, segundo Silva, os quais são: difícil compreensão dos textos sagrados e que, sendo assim, poderia provocar rejeição ao seu estudo; realismo ingênuo; fundamentalismo sob a égide da confessionalidade e ciências bíblicas. Este trabalho será uma pequena contribuição a todos que queiram se conceituar no tema.

Palavras-chave: leitura fundamentalista, fundamentalismo religioso, tradição do Antigo Testamento, tradição do Novo Testamento.

¹ Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário Faveni e graduado em teologia pela Universidade Federal do Piauí, Teresina, Brasil. E-mail: fernandes-l@outlook.com

ABSTRACT

The work in question aimed to observe/analyze religious fundamentalism, understanding this as an attitude/reading towards the Old Testament and New Testament tradition of the Christian religion - Christianity. We delimit this attitude in the context of Christianity and in Brazil. We questioned whether there would be any problem in the implementation of the fundamentalist attitude in Brazilian society, emphasizing the diverse and democratic reality very present in the country. To understand the fundamentalism in the context that we dialogue we made use in quotation of Leonardo Boff and Cássio Murilo Dias da Silva in the topic that intended to conceptualize ourselves in religious fundamentalism - especially applied to the Christian religion. In the topic about the religious fundamentalist reading in the context of the scriptural tradition of religion in focus, we list in how this reading is understood, according to Silva, which are: difficult to understand the sacred texts and Thus, it could provoke rejection to his study; naive realism; fundamentalism under the aegis of confessionality and biblical sciences. This work will be a small contribution to all who want to conceptualize themselves in the theme.

Keywords: fundamentalist reading, religious fundamentalism, Old Testament tradition, New Testament tradition.

1. Introdução

Fundamentalismo. Talvez para muitos, não seja um termo familiar. Mas que na verdade, sua expressão propriamente dita está presente no convívio social das pessoas, especialmente, no âmbito religioso, em especial no protestantismo, bem como no catolicismo, através de documentos elaborados no Concílio Ecumênico Vaticano II, tais como as constituições dogmáticas, decretos e declarações, que juntos, somam dezesseis documentos. Inicialmente usado nos Estados Unidos da América - USA, enquanto se debatia a visão teológico-cristã da criação do universo e/ou mundo (cosmo), o criacionismo, por volta do início à meados do século XX (Bohrer; Silva, 2022). Sua atitude que nos interessa aqui, perpassa em sua maneira própria de ler os manuscritos sagrados, para a religião cristã, quais sejam: os livros que compõem o velho e novo testamentos. A atitude fundamentalista, diante da sociedade, constitui-se um perigo, pois geralmente está presente o autoritarismo, uma única forma de perceber a realidade que nos cercam e não permitindo opinião contrária, o que no Brasil e em outros países que adotam em seu sistema de governo a democracia, seria considerada antidemocrática.

Perante este entorno, levantemos o seguinte problema: a leitura fundamentalista da tradição escrita da religião cristã é adequada no contexto brasileiro? O código maior do Brasil, a Constituição Federal de 1988, garante liberdade religiosa ao seu povo, pois “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantia, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias” (Brasil, 1988, p. 13), o que permite a diversidade de religião,

ou seja, as várias maneiras possíveis de expressão de religiosidade e espiritualidade, de forma mística ou cultural, ou acreditar num único ser divino, como quer a religião cristã. Culturalmente, o Brasil é um país onde sua civilização tem presença muito forte da tradição judaico-cristã, embora tal realidade se esvaia com a diversidade religiosa bastante presente na atualidade do mesmo. Isso indica que grande parte de sua população recebe o nome de cristãos, adeptos do cristianismo. O portal brasileiro de notícias Veja, publicou uma coluna com os dados estatísticos do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, referentes a 2010, na qual consta que “86,8% da população brasileira são cristãos” (Azevedo, 2012), sem levar em conta as ramificações dentro desta religião, que na verdade são várias.

Sendo assim, como essas pessoas agem impacta em grande escala o convívio como um todo na sociedade. Na possibilidade de uma leitura fundamentalista, por parte de todo este conjunto populacional, muito possivelmente presenciáramos na sociedade brasileira problemas/conflitos históricos sendo reacesos, como atitudes desumanas, tentativas de trazer de volta a “cultura” escravista, acompanhada de racismo e preconceito(s) para com os negros e pardos, mulheres, crianças, deficientes, dentre outros. Desta forma, poderíamos considerar um retrocesso interno, no país.

Neste trabalho procuraremos examinar o que seja o fundamentalismo em sua construção de termo e/ou significado e seu uso, bem como desenvolveremos sua expressão/atitude no quesito leitura da tradição veterotestamentária e neotestamentária do cristianismo, a maior religião em todo o mundo dentre as mais de quinze mil (Gaarder; Hellern; Notaker, 2000). A herança velho e novo testamentos da religião cristã – cristãos, assim denominados por seguirem Jesus Cristo, tido como o filho de Deus, acreditando em seus ensinamentos/palavras e milagres -, são os livros mais importantes considerados dados pelo próprio Divino, sendo que Este escolheu cerca de quarenta homens, dentre os quais alguns apóstolos, concedendo a eles uma certa capacidade para escreverem seus próprios pensamentos – os pensamentos de Deus, a revelação dEle à humanidade. Há alguns livros que não fazem parte desses arranjos – velho e novo testamentos, os quais são chamados de apócrifos² e pseudepígrafos³.

2. Fundamentalismo: o que vem a ser?

Faz-se importante buscarmos as construções etimológicas dos termos técnicos empregados em nossas produções científicas afim de nos conceituarmos melhor quanto aos seus significados no contexto em que fazemos uso. Neste caso, a expres-

2 “Originalmente, escritos obscuros e secretos que não eram para ser lidos em alta voz durante o culto público” (Brown; Coenen, 2000, p. 48).

3 “Escritos judaicas pós-canônicos que foram publicados com um título ou nome falso (conforme sugere a tradução lit. deste título). No sentido mais lato, incluem a totalidade dos escritos não canônicos escritos entre 200 a.C. e 100 d.C. Assim sendo, formam uma ponte entre o AT e o NT. A distinção entre os apócrifos e os pseudepígrafos não é bem delineada, sendo que obras pseudônimas ocorrem nos apócrifos. Os pseudepígrafos mais importantes são: os Livros de Enoque, os Testamentos dos Doze Patriarcas, a Assunção de Moisés, os Salmos de Salomão, 4 Esdras e 4 Macabeus” (Brown; Coenen, 2000, p. 70).

são fundamentalismo é uma derivação da palavra fundamento, sendo esta, o radical das demais derivações. Originalmente, na língua latina, se forma a palavra *fundamentum*; seu significado denota uma ideia no seu âmago, raiz. Portanto, os pressupostos fundamentalistas estão ligados intimamente às suas formas como eram primitivamente, sendo não otimistas a tudo que diz respeito a desenvolvimento, evolução. Dessa forma, se ínsita, se aplicarmos o termo à modos de vida e/ou maneiras de viver em sociedade, ao retorno de organização social em *colônias* não civilizadas, isto quer dizer, vivências sem os meios de avanços tecnológicos tidos a partir do início dos tempos modernos em todo o mundo em que houve processo de civilização.

Entretanto, se voltarmos-nos para a aplicação de princípios ou aplicação do fundamentalismo às formas de interpretação de determinados princípios, veremos que em geral se adota a literalidade do que diz ao (s) princípio (s) em que se aplica uma leitura fundamental; não implicando o grau de sua letalidade caso transmita um pensamento ofensivo que resultara em ações para os e/ou nos seres humanos. Forma-se então, pensamento “[...] perverso, fundamentalismo intencional, para justificar ou fundamentar comportamentos rígidos e modos de agir totalitários a partir de princípios religiosos” (Bohrer; Silva, 2022, p. 154). Por exemplo, a ideia sugerida ou hipotetizada por Armstrong (2001) de que Lutero deveria queimar os livros dos teólogos hereges, se subentende como possível pensamento fundamentalista. No entanto, não se limita a compreensão de pressupostos, queira laicos ou religiosos, mas intencionam principalmente em suas formas de agir, que baseadas em tais descrições ou regras, caracterizam a atitude fundamentalista. Portanto, o fundamentalismo

[...] não é, então, apenas a interpretação literal de uma expressão verbal, é uma atitude que, a partir da literalidade, justifica todo e qualquer absolutismo e radicalismo. A motivação religiosa é o suporte mais adequado para essa atitude. Daí o fundamentalismo ‘ecumênico’ evangélico-católico, o fundamentalismo islâmico, o fundamentalismo judaico, o hinduísta e outros (Prado *apud* Bohrer; Silva, 2022, p. 154).

Vejamos que a doutrina fundamentalista se aplica aos mais possíveis âmbitos que podemos supor, pois em si se constitui uma maneira de agir rígida, áspera, baseada em leituras de escritos vários de acordo com o ambiente. Diante desta situação e de acordo com o autor citado, dentro da religião cristã – cristianismo, se percebe o fundamentalismo ecumênico⁴ evangélico-católico, as duas vertentes opostas da religião. Ao menos é de supor, que neste aspecto específico, ou melhor, o fundamentalismo no cristianismo, o documento a ser feita as leituras e que, obviamente se aplicará o método de literalidade do fundamentalismo, será a tradição escriturístico vetero e neotestamentárias, conhecida popularmente como Bíblia Sagrada. Mas, ainda em conformidade com Prado (*apud* Silva, 2022, p. 154), se tem como realidade presente no mundo, o fundamentalismo islâmico. Uma religião do Médio Oriente, a segunda maior religião do mundo, alcançando cerca de 15% da população mundial como adeptos (Gaarder; Hellern; Notaker, 2000). Seu livro principal é o Corão ou

4 “Primeiras tentativas de obter crenças unificadas mediante concílios que buscaram formular declarações doutrinárias oficiais” (Brown; Coenen, 2000, p. 64).

Alcorão, escrito originalmente em Árabe. O fundamentalismo islâmico fará uso especialmente do livro da religião – Alcorão. “O fundamentalismo islâmico quer fazer do alcorão a única forma de vida, de moral, de política e de organização do Estado entre os islâmicos e nos lugares onde ocupam o poder” (Boff, 2002, p. 26). Se verifica também o fundamentalismo judaico, também religião do Oriente Médio, monoteísta - *monothéisme*⁵, a terceira maior no mundo. Já nesta, a tradição escrita se chama Torá, o mesmo velho testamento da religião cristã na língua morta hebraica. Consequentemente, o fundamentalismo judaico se utilizará deste documento. “[...] o fundamentalismo judeu se concentra na construção do Estado de Israel segundo o tamanho que lhe atribui a Bíblia hebraica” (Boff, 2002, p. 26).

Karen Armstrong, uma autora e estudiosa de religiões comparadas, define o fundamentalismo como uma resposta rígida e dogmática às mudanças sociais, políticas e culturais. Ela argumenta que o fundamentalismo surge quando grupos religiosos ou ideológicos sentem que seus valores tradicionais estão sendo ameaçados por forças externas, como modernização, secularismo ou globalização. Em sua obra, Armstrong observa que o fundamentalismo não é exclusivo de uma única religião ou cultura, mas pode ser encontrado em diferentes tradições religiosas ao longo da história. Para ela, o fundamentalismo é muitas vezes uma tentativa de restaurar um ideal de pureza ou autenticidade em tempos de grande incerteza e mudança.

Mediante a presença da doutrina que se encaminha para atitudes e/ou maneiras de agir do fundamentalismo nas demais religiões em todo o mundo, cresce então, o número de pessoas que poderão ser influenciadas por esta forma de enxergar as realidades, quer sociais ou espirituais, sendo, portanto, sua base de vida. No Brasil, um país de diversidade religiosa nas suas muitas formas de expressão, culturais ou religiosas, há presença da religião islâmica, judaica e demais, que também podem ter suas diretrizes influenciadas pela compreensão literal de leitura dos modos e costumes obtidos/adotados por cada uma delas. Assim sendo, aumenta consideravelmente a quantidade de pessoas que conviverão na sociedade com esses preceitos.

Nos referimos aqui a algumas formas específicas de fundamentalismo no âmbito da religião – fundamentalismo ecumênico evangélico-católico, fundamentalismo islâmico, fundamentalismo judaico, fundamentalismo hinduísta, dentre outros existentes, mas permita-nos, ainda há outras formas desta atitude que não no âmbito religioso, embora se utilize desse campo para proveitos próprios, como o fundamentalismo ético e político (Bohrer; Silva, 2022). Não é de se surpreender que tal atitude queira estar presente em todas as esferas da conjuntura social, uma vez que seu âmago de pensamento é dominação universal, não somente ambiente em que está presente a religião, mas em meios onde grande parcela da sociedade estará sendo influenciada, como a política. O fundamentalismo em si se constitui como a busca por:

Valores e verdades simples, coerentes, unitárias, imutáveis, universalmente válidas e que excluem os pontos de vista discordantes. A atitude fundamen-

5 “Monothéisme, croyance en un Dieu unique” (Julia, 1964, p. 186). “Monoteísmo.” “Crença em um único Deus.” (Julia, 1964, p. 128). As três maiores religiões do mundo – cristianismo, islamismo e judaísmo – são do Oriente Médio, todas consideradas monoteístas e “[...] também chamadas “abraâmicas”, por sua fé no Deus Único, que teria se revelado ao primeiro dos patriarcas bíblicos: Abraão (c. 1800 a. C)” (Gaarder; Hellern; Notaker, 2000, p. 104-105).

talista pode ter um maior ou menor grau e, por vezes, é inconsciente e bem articulada, mesmo com pessoas equilibradas e bem instruídas. Não se pode, portanto, considerar a atitude fundamentalista como um problema de indivíduos com distúrbios afetivos, perturbados e intelectualmente inferiores (Silva *apud* Bohrer; Silva, 2022, p. 155).

Então, eis as características do fundamentalismo como intenção de expressão universal, com pensamento não permissivo a ideias contrárias ao seu posicionamento em quaisquer ambientes que se possa referir. Verdades simples, baseados em seus códigos que queiram fazer uso, resultando em valores – aquilo tido como modo ou costume de convívio no particular ou social, sendo essas verdades e valores coerentes ao seu modo de pensar, unitário, imutáveis, universalmente válidos e sem contradição de pensamentos opostos. Podemos verificar e perceber que são pretensões que contrariam a liberdade de pensamento e expressões culturais e religiosas, o que poderia prejudicar o diálogo intelectual e manifestação cultural na sociedade da liberdade de opinião como o Brasil e demais países democráticos. “Qualquer pessoa que objetifique algo como princípio *sui generis* e indefectível dos valores e das verdades incorre em tal atitude” (Bohrer; Silva, 2022, p. 2022). Há valores e verdades universais, como a bondade – também como virtude, e as leis naturais, mas elas apontam para ao menos ao que é ideal para os seres humanos.

O fundamentalismo pode usar situações que aparentam certo perigo para as pessoas em suas interpretações da realidade ou de pensamento? Não precisa fazer parte de alguma religião para ouvir a expressão: “Não faça isso ou vai para o inferno”. Num debate entre os candidatos para a presidência do Brasil para o quadriênio 2023-2026 realizado pela emissora de televisão Globo, no período de campanha eleitoral em 2022, uma das debatedoras indagou um padre, então candidato, se ele não tinha medo de ir ao inferno. Perguntas ou afirmações desse gênero possivelmente provocará pavor a indivíduo ou a várias pessoas, grupo.

Quanto ao uso do termo em sua forma conceitual, se presencia primeiramente entre um grupo de teólogos americanos que desenvolviam uma coleção de documentos científicos na Universidade de Princeton, em Nova Jérsei, Estados Unidos da América, como nos esclarece Leonardo Boff, em sua obra intitulada *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*:

O nicho do fundamentalismo se encontra no protestantismo norte-americano, surgido nos meados do século XIX. O termo foi cunhado em 1915, quando professores de teologia da Universidade de Princeton publicaram uma pequena coleção de doze livros que vinha sob o título Fundamentais. A *Testimony of the Truth* (1909-1915). Neles propunham um cristianismo extremamente rigoroso, ortodoxo, dogmático, como orientação contra a avalanche de modernização de que era tomada a sociedade norte-americana (Boff, 2002, p. 11).

Como é possível perceber na citação, o fundamentalismo, desde suas concepções idealistas iniciais propõe observações rígidas às suas formas de compreensão das realidades que nos envolvem, uma vez que sua presença está nos mais variados âmbitos possíveis da sociedade, onde se relacionam e/ou, ao menos, convivem todas

as diferenças. Diante do posicionamento de Boff (2002), relacionada ao uso original da palavra fundamentalismo, percebemos uma inquietação quando diz ele que tal ideia surge no seguimento da religião cristã, entre seus intelectuais representantes. Possivelmente, eles, os professores de teologia da Universidade de Princeton, estariam se distanciando de seus ideais cristãos, pois ao invés de amor e liberdade de expressões sociais/culturais e religiosas – ensinamentos defendidos pelo cristianismo – propõem um fortalecimento da observação rigorosa de seus preceitos afim de contraporem “não só modernização tecnológica, mas modernização dos espíritos, do liberalismo, da liberdade das opiniões” (Boff, 2002, p. 11), em nome de um fundamentalismo.

Mas enfim, o que constitui o fundamentalismo em linhas gerais? Diferentemente do que podem pensar que queiramos falar, não pretendemos dialogar quanto ao fundamentalismo como se percebe na mídia ou no pensamento das em pessoas em geral – como o fundamentalismo caracterizado pelo terrorismo islâmico, pelo qual muitas pessoas são dizimadas, “perdem” a vida em nome de um bem fundamental – exemplo: atentado terrorista às torres gêmeas nos Estados Unidos, no dia 11 de setembro de 2001, por organização terrorista islâmica. Este aspecto do fundamentalismo terrorista se dá no campo político, embora com implicações religiosas, como pensaram George W. Bush (ex-presidente americano) e Osama Bin Laden em seus discursos políticos mais conhecidos. Neste sentido, para um a América é o bem e o mal, o terrorismo islâmico; enquanto para Laden, o contrário. Assim, constitui-se guerras ou atentados para que seus sistemas permaneçam em vigor (Boff, 2002).

Desta forma, interessa-nos o fundamentalismo dentro do âmbito da religião, especialmente a cristã, pois como vimos, há várias formas de fundamentalismo. Queremos enfatizar o fundamentalismo no cristianismo, como sugere o título desta obra – *Leitura fundamentalista da tradição vetero e neotestamentárias da religião cristã*. Consideramos o fundamentalismo aqui como desenvolve Leonardo Boff (2002, p. 25):

Não é uma doutrina. Mas uma forma de interpretar e viver a doutrina. É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, que obriga a contínuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade essencial. Fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista.

A atitude ou tendência fundamentalista como uma forma de compreender a realidade na sociedade, como ela deve se comportar, funcionar, muito nos inquieta, pois para uma sociedade como a brasileira e demais que vivem num regime democrático, valores conquistados que hoje são garantidos por lei como a liberdade de expressão e/ou manifestação artística, cultural, social, religiosa, etc., cogitamos então, desta forma, uma ameaça ao bem comum dos seres humanos civilizados, cidadão de bem – como é dito popularmente no Brasil. Poderíamos presenciar espécies de violências criminais como decorrência desta forma de enxergar os relacionamentos, isto é, perceber como acontece as relações sociais, pois com o fundamentalismo:

Imediatamente surge grave consequência: quem se sente portador de uma verdade absoluta não pode tolerar outra verdade, e seu destino é a intolerância. E a intolerância gera o desprezo do outro, e o desprezo, a agressividade, e a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado. Irrupção de conflitos religiosos com incontáveis vítimas (Boff, 2002, p. 25).

Desta maneira, permitam-nos, ficaremos com a análise desta maneira de leitura dos preceitos, leis, manuais, etc., em especial os religiosos, que resultará em como as pessoas se comportarão diante da sociedade, que como já dito, é o ambiente onde há o maior encontro entre as diferenças, quer ideológicas ou de convicções quaisquer. Assim, foquemos na leitura da tradição cristã como objeto deste trabalho em particular, pois nos permitirá ter uma visão adequada do porquê de determinadas ações entre as pessoas, brasileiros, sendo que se declaram cristãos nas pesquisas no cunho estatístico-públicas, que aliás, constitui-se a maior percentagem entre os cidadãos declarados apontado no censo de 2010 do órgão nacional competente - IBGE.

O fundamentalismo no âmbito do catolicismo é um fenômeno mais complexo e menos pronunciado do que em outras tradições religiosas, como no protestantismo. Como aponta Boff (2002, p. 17): “O catolicismo possui também seu tipo de fundamentalismo. Ele vem sob o nome de Restauração e Integrista”. No entanto, é possível identificar algumas características que podem ser associadas a essa abordagem dentro da Igreja Católica. Em termos gerais, o fundamentalismo religioso é uma interpretação rigorosa e literal dos textos sagrados e um esforço para manter práticas e doutrinas que se consideram a “verdadeira” tradição. Para Silva (2024), esta abordagem é a única rejeitada pela Igreja Católica. Neste caso, pode-se observar o documento da Pontifícia Comissão Bíblica, o A interpretação da Bíblia na Igreja, de 1993, o qual faz menção aos seguintes métodos de exegese aceitos pela Igreja: método histórico-crítico, método histórico-gramatical, método indutivo e abordagens sociológicas e antropológicas, rejeitando apenas, como dito acima, a abordagem e/ou a atitude fundamentalista. No catolicismo, isso pode se manifestar em algumas formas de resistência a mudanças dentro da Igreja ou em uma rejeição a abordagens mais modernas ou progressistas da fé, como as propostas do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), que introduziu reformas significativas, como o diálogo inter-religioso, a modernização da liturgia e a ênfase na liberdade religiosa.

No caso do catolicismo, algumas tendências fundamentalistas surgiram em contextos de reação a essas mudanças, com grupos que defendem uma interpretação estrita da doutrina e da liturgia tradicional, como a *liturgia em latim* e a doutrina moral tal como era antes das reformas do Vaticano II (1962-1965). Segundo Leonardo Boff (2002, p. 17), o fundamentalismo numa vertente católica, perpassam por, ao menos, dois aspectos: “o doutrinário e o ético-moral.” Dentro do quesito liturgia, o documento conciliar sobre ela pode ser mencionado para conferência; o mesmo faz parte dos quatro documentos chamados de Constituição Dogmática, qual seja: *Sacrosanctum Concilium*, bem como a *Dei Verbum* no assunto da *Revelação das Escrituras Sagradas*. Neste último documento, Silva (2024) afirma ser de grande importância rever tais assuntos discutidos no plenário conciliar, pois assim, de forma repetitiva até, as novas gerações tomam conhecimento do que se trata, tendo, de igual modo, grande impacto no interior da Igreja. Esses grupos (os da liturgia latina e da doutrina

moral) podem enfatizar uma visão conservadora e “autêntica” do catolicismo, focada em uma adesão rigorosa à moral e dogmas tradicionais, muitas vezes com uma visão crítica das adaptações da Igreja à sociedade moderna. Exemplos de movimentos que se aproximam do fundamentalismo no catolicismo incluem grupos como: os *Leigos tradicionalistas*, algumas congregações que celebram a *Missa tridentina* (ou Missa Latina) e algumas ordens que defendem uma visão mais rígida da moralidade e doutrina católica, como a oposição ao uso de anticoncepcionais, ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, entre outras questões.

Embora o catolicismo oficial não tenha uma corrente fundamentalista reconhecida como um movimento coeso, o termo pode ser usado para descrever essas tendências mais conservadoras, que se distanciam das orientações mais inclusivas e abertas do magistério da Igreja pós-Vaticano II. Esse fenômeno está presente, em menor escala, também em certos contextos de grande polarização política e social, onde questões como a defesa da “ortodoxia” católica e da “tradição” ganham destaque em discursos religiosos mais intensos. Isso gera tensões internas dentro da Igreja, pois enquanto alguns enfatizam a manutenção da tradição e da autoridade papal, outros buscam uma abordagem mais flexível, em diálogo com os desafios contemporâneos.

3. Leitura fundamentalista no cristianismo

Diante de nosso interesse, o fundamentalismo na leitura e interpretação da tradição veterotestamentária e neotestamentária da religião cristã, e como visto no desenvolvimento conceitual da expressão *fundamentum*, ela abrange o entorno da leitura da literatura sagrada – não se limitando aos vícios políticos, artísticos, culturais, sociais etc., portanto. Dentro deste âmbito, especificamente, o fundamentalismo de ramifica em algumas facetas, como define Silva (2000), quais sejam: dificuldade de lidar com os textos bíblicos e as diversas teologias existentes, realismo ingênuo e/ou fundamentalismo ingênuo, fundamentalismo sob a égide da confessionalidade e, por fim, as ciências bíblicas. Mas, antes de nos adentrar nesses pontos em especial, vejamos como se desenvolve, na história, a interpretação da tradição escriturístico do cristianismo.

Desde quando Deus revelou sua palavra é permitido que se interprete. Ao longo da história, houve várias formas de interpretação. Alguns interpretaram de forma literal, outros de forma alegórica e ainda outros as letras e palavras separadas. O início da história de interpretação bíblica, conforme Virkler (1990, p. 36), remonta a leitura e comentário de Esdras e os levitas ao povo de Israel antigo: “Neemias 8:8 lembra, Leram (Esdras e os levitas) no livro, na lei de Deus, claramente, dando explicações de maneira que entendessem o que se lia”. O uso do Antigo Testamento pelo Novo constitui-se outra forma de interpretação da Bíblia. Quem fez uso do antigo testamento no novo? Jesus e os Apóstolos. Jesus assim age quando faz menção à alguns personagens, tais como Abel, Abraão, Davi, dentre outros. Também quando critica a maneira com a qual alguns intérpretes da época agiam ao interpretar, pois eles colocavam tradições acima das Escrituras Sagradas. Os apóstolos consideravam toda escritura como inspirada, isso fica visível em segunda Timóteo três, dezesseis.

O período de interpretação que sucede os Apóstolos é chamado de Patrística (100-600 d.C.), assim sendo, porque o método alegórico era comum nesse período, usado pelos pais da Igreja. Para Virkler (1990), tal método ou forma de interpretação se mostrou frágil quanto ao real sentido do texto e, além do mais, criaram especulações impróprias, distanciando da ideia própria pensada pelo autor. “Contudo, o método alegórico segundo praticado pelos pais da igreja muitas vezes negligenciou por completo o entendimento de um texto e desenvolveu especulações que o próprio autor nunca teria reconhecido (Virkler, 1990, p. 64).”

Aqui o que se tem por negativo é o sentido que o autor não tinha em mente. Os pais da Igreja nesse período foram Clemente de Alexandria, Orígenes e Agostinho. As formas deste último são, como afirmado e resumido por Ramm (*apud* Virkler 1990, p. 45): em “[...] termos de originalidade e gênio, Agostinho foi de longe o maior homem de sua época. Em seu livro sobre a doutrina cristã ele estabeleceu diversas regras para exposição das escrituras, algumas das quais estão em uso até hoje”.

As regras são:

- a) O intérprete deve possuir fé cristã autêntica;
- b) Deve se ter em conta o significado literal e histórico da Escritura;
- c) A Escritura tem mais que um significado e portanto o método alegórico é adequado;
- d) Há significado nos números bíblicos;
- e) O Antigo Testamento é documento cristão porque Cristo está retratado nele do princípio ao fim;
- f) Compete ao expositor entender o que o autor pretendia dizer, e não introduzir no texto o significado que ele, expositor, quer lhe dar;
- g) O intérprete deve consultar o verdadeiro credo ortodoxo;
- h) Um versículo deve ser estudado em seu contexto, e não isolado dos demais que o cercam;
- i) Se o significado de um texto é obscuro, nada na passagem pode constituir-se matéria de fé ortodoxa;
- j) O Espírito Santo não toma lugar no aprendizado necessário para se entender a Escritura. O intérprete deve conhecer hebraico, grego, geografia e outros assuntos;
- k) A passagem obscura deve dar preferência à passagem clara e
- l) O expositor deve levar em consideração que a revelação é progressiva. Por seu brilhantismo, alguns de seus métodos de interpretação bíblica persistem até hoje.

O período medieval (600-1500), no quesito de interpretação, houve um apagar de criatividade na interpretação por esta estar presa à tradição. Portanto, nesse período o que mais se fez, em relação ao estudo da Bíblia, foi compilação. Isto é, os estudantes da Bíblia estudavam-na e compilavam, como diz Virkler (1990, p. 46): “a maior parte dos estudantes da Bíblia devotava-se a estudar e compilar as obras dos pais primitivos”. Mesmo assim, o método alegórico era o mais adequado à época. No período da Reforma (séc. XVI), voltou-se a atenção para as línguas originais da Bíblia afim de melhor entendê-la. Os dois estudiosos famosos da época são os reformadores Lutero e Calvino. Ambos pensaram semelhantes. O primeiro foi fortemente

reverso ao método que prevalecia há tempos, o alegórico. Para ele, as escrituras deveriam ser entendidas de forma literal. Segundo Virkler (1990), ele, Lutero, dava muita importância aos aspectos históricos, gramaticais e contextuais do estudo bíblico, já Calvino, desenvolveu uma máxima⁶, qual seja: “Deixe a Bíblia falar por si mesma”.

Dentre as possíveis formas de leitura na atualidade, incluindo as históricas, se inclui a fundamentalista. Sendo assim, se constitui o fenômeno da diversidade proporcionando teologias, leituras da tradição literária sagrada da religião em foco. Mas, como já elencado num parágrafo anterior, dentro mesmo desta maneira específica de leitura e/ou atitude, muito bem definida no tópico antecedente a este, a leitura/atitude fundamentalista propriamente dita da Escrituras se diversifica em si mesma. Sendo, a dificuldade de lidar com os textos bíblicos e as diversas teologias existentes, realismo ingênuo e/ou fundamentalismo ingênuo, fundamentalismo sob a égide da confessionalidade e, por fim, as ciências bíblicas. Vejamos de perto cada uma delas:

a) *Difícil interpretação e várias teologias*. Realmente, os textos que compõem o velho e novo testamentos não são de fácil entendimento, podendo levar à rejeição de seu estudo, quanto mais ao tomá-los sem seus meios próprios de interpretação desenvolvidos ao longo da história da interpretação/hermenêutica bíblica. Mas, se tem aproximações de seu significado obtidos por estudiosos, o que dá origem as várias teologias ou formas de compreensão destes textos.

A primeira delas é a dificuldade em lidar com a complexidade do texto bíblico e o pluralismo de ideias e de teologias por ele propostas, o que leva a uma rejeição. Para o fundamentalista, a Palavra de Deus está livre dos erros e das incoerências próprias da palavra humana. As limitações culturais, linguísticas e científicas dos hagiógrafos são minimizadas, quando não descartadas, pois os autores/redatores agiram sob a divina inspiração, capaz de remover e superar todos os obstáculos (Silva, 2000, p. 321).

b) *Realismo/fundamentalismo ingênuo*. Neste ponto, em especial, os conhecimentos obtidos através das palavras e conceitos não problemáticos da realidade, são considerados. Nessa ingenuidade, sua forma própria de compreensão ou leitura, constitui-se a única verdadeira, não sendo possível que outros pontos de vista seja levado em conta. “O leitor fundamentalista julga desnecessário interpretar o escrito e tende a ignorar outras possíveis significações e as variadas perspectivas de abordagem do mesmo texto” (Silva, 2000, p. 321). Isso levaria ao dogmatismo, sendo assim, seu posicionamento seria o mais apropriado no contexto de discussão, e também, inquestionável. “Para tal leitor, o sentido é claro e está claramente expresso em palavras perfeitamente adequadas” (Silva, 2000, p. 321). Torna-se possível com isso, desenvolver cargas de sentimentos e ações desumanas e/ou, até mesmo, anti-humanos.

O fundamentalismo ingênuo é instrumentalizado pelo fundamentalismo perverso a fim de justificar e dar ares religiosos à pretensão de domínio e supremacia de uns seres humanos sobre outros, ao abandono de toda a ética, à exploração econômica, com o descarte dos mais frágeis, e aos princípios do extremado liberalismo econômico e do mais catastrófico capitalismo.

6 João Calvino (1509-1564) baseia sua máxima na ideia de que “A Escritura interpreta a Escritura” (Calvino *apud* Virkler, 1990, p. 49).

O fundamentalismo bíblico ingênuo não é um método, antes, é a negação de qualquer método. Não é uma abordagem que admite outras abordagens e segue métodos sérios e comprovados, é uma leitura, uma maneira de ler (Prado, 2018, p. 366).

c) *Fundamentalismo sob a égide da confessionalidade*. Neste aspecto, sua atitude se manifesta quando, de maneira dogmática ou não, se faz uso de alguns textos das Escrituras para basear ou fundamentar seu posicionamento (Silva, 2000). Essa ação é muito comum em certos grupos religiosos de vertentes diferentes, que para defender sua visão, faz-se uso dos textos escriturístico. Assim, se tem vários grupos em debates de oposição e, portanto, gerando movimentos religiosos diversos, sendo necessário aos seus adeptos, fazer profissão de fé, deduzindo certa espiritualidade.

A confessionalidade se desdobra em espiritualidade. Bem mais numerosos que os fundamentalistas crassos e declarados são os que abdicam do senso crítico e da própria capacidade de buscar sentidos novos para as perícopes bíblicas e se deixam conduzir acriticamente por líderes e movimentos espirituais. Esses leitores interpretam o texto bíblico sempre da mesma perspectiva, normalmente de cunho moralizante, e descartam (ao menos para a própria vivência) a possibilidade de interpretações baseadas nas ciências bíblicas. Quando muito, aproveitam-se das conclusões e dos questionamentos dos estudiosos apenas para comprovar as interpretações que já operavam anteriormente, mas rejeitam tudo o que coloca em dúvida uma leitura já assumida e tida como o sentido evidente e claro do texto (Silva, 2000, p. 322).

d) *Ciências bíblicas*. São duas as ciências que se preocupam com a interpretação dos textos que compõem a tradição do velho e novo testamentos, livro da religião cristã, exegese⁷ e hermenêutica⁸. Silva (2000, p. 322), diante deste assunto, pergunta: “Mesmo entre os exegetas, não pode haver um ‘fundamentalismo’?”; não são eles, exegetas e hermeneutas, os estudiosos dos textos sagrados no quesito interpretação? Possivelmente, na suposta de que o tal seja adepto de um credo específico.

Em vez de dar a liberdade ao texto para que diga o que quer (ou o que pode), a atitude fundamentalista pode levar o exegeta a realizar uma trapaça metodológica, que pode ser assim definida: não é a “interpretação” que abre o texto e sim o texto que comprova a “interpretação”. O termo “interpretação” aparece entre aspas, pois não se trata mais de uma verdadeira interpretação, e sim de uma abordagem pseudocientífica: o que deveria ser provado é utilizado como pressuposto (Silva, 2000, p. 322).

Enfim e, finalizando esta parte e/ou tópico, o fundamentalismo em ação como atitude/leitura/cosmologia/interpretação da realidade/visão de mundo baseada em princípios ou preceitos, pressupostos, geralmente pela religião, perante os textos da tradição ou herança veterotestamentária e neotestamentária da religião cristã

7 Exegese. “Obtenção do significado de uma passagem ao extrair o significado do próprio texto, em vez de inseri-lo ali.” (Virkler, 1990, p. 75).

8 Hermenêutica. “Ciência da interpretação das Escrituras.” (Virkler, 1990, p. 91).

funda-se uma problemática intrigante, principalmente no contexto Brasil, uma vez que requer um retorno ao primitivo-colono em que se presenciava inúmeros fatos desastrosos contra seres humanos, sendo que estes, pela própria condição de seres, dotados de reivindicações de preservação à vida, bem-estar em todos os aspectos constitutivos de sua formação – para a tradição cristã, o homem possui corpo (aspecto material, físico), alma e espírito (aspecto imaterial), sendo portanto, tricotômico – utilizando liberalmente desses meios para o seu convívio em quaisquer âmbito que, por acaso ou escolha, desejam fazer parte, habitar.

4. Listagem de livros proibidos de circulação pela Igreja Católica Romana

A Igreja Católica Romana tem um pesar de história de censuras a livros, especialmente durante períodos em que sua autoridade era mais centralizada e absoluta, isto remontando ao período das trevas ou Medieval. Ao longo dos séculos, alguns livros foram proibidos ou condenados por vários motivos, como heresia, ideias contrárias à doutrina oficial ou questões políticas. Neste tópico em especial, referenciamos alguns exemplos de livros que foram proibidos ou colocados no *Index Librorum Prohibitorum* (Índice de Livros Proibidos), uma lista criada pela Igreja Católica Romana para controlar ou impedir a circulação dos livros que eram considerados heréticos ou perigosos para a sua doutrina, quais sejam:

- a) *A origem das espécies* de Charles Darwin: este livro versa sobre a teoria da evolução que foi visto pela Igreja Católica Romana como uma ameaça à doutrina da criação divina, isto é, à visão tradicional criacionista, pensamento ao qual Deus criou todas as espécies e todo o mundo. Embora o livro de Darwin tenha sido condenado inicialmente, a Igreja Católica Romana, com o passar do tempo, fez uma reavaliação mais moderada da teoria da evolução, permitindo posteriormente o uso do livro *A origem das espécies* em quaisquer âmbitos de estudos;
- b) *O Capital* de Karl Marx: o livro de Marx, que apresenta as bases do comunismo, foi proibido por suas críticas ao sistema capitalista e à propriedade privada, que são conceitos fundamentais defendidos pela Igreja papal. O marxismo foi frequentemente visto como uma ideologia que ameaçava a ordem social defendida pela Igreja cristã e, tinha uma visão de mundo desvirtuada do conceito de Deus;
- c) *O Manifesto Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels: assim como *O Capital*, o Manifesto Comunista também foi proibido, principalmente devido à sua defesa de uma revolução contra as estruturas de poder, que incluíam a Igreja e a monarquia;
- d) *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II: embora não seja um livro como tal, o documento do Concílio Vaticano II abordou a relação da Igreja com as Escrituras e foi interpretado por alguns como um afastamento da tradicional visão católica, o que causou resistência por parte de grupos mais conservadores;
- e) *Os irmãos Karamazov* de Fyodor Dostoiévski: este famoso romance russo, que

aborda questões profundas sobre fé, moralidade e a existência de Deus, foi considerado por alguns membros da Igreja Católica Romana como problemático devido às suas explorações filosóficas sobre o sofrimento humano, a dúvida religiosa e a liberdade e, por fim;

- f) *Os sofrimentos do jovem Werther* de Johann Wolfgang von Goethe: este romance, que é considerado uma obra-prima do *Sturm und Drang*, foi proibido em alguns períodos devido à sua influência sobre os jovens e à sugestão de suicídio, que era visto com grande preocupação pela Igreja cristã.

Além desses, o *Index Librorum Prohibitorum* incluía muitos outros livros, como obras de autores iluministas, como Voltaire e Rousseau, e textos considerados de visão contrária à religião cristã ou imorais. O Índice foi mantido até 1966, quando foi oficialmente abolido pelo Papa Paulo VI.

5 Considerações finais

A leitura fundamentalista da tradição escriturístico da religião cristã – veterotestamentária e neotestamentária – proporciona um grande risco religioso e social no Brasil. Diante do exposto na delimitação do assunto, qual seja, não se tratar do fundamentalismo como se presencia e observa em países do Oriente Médio, caracterizado pelo terrorismo, podemos constatar uma previsão de ameaça à sociedade brasileira porque se trata de um fundamentalismo que pretende retomar antigas realidades sociais degradantes no país, que hoje temos como conflitos e/ou erros históricos – que buscamos consertar até o momento – tendo a religião como escudo ou mesmo forma facilitada para sua infiltração ideológica que, voltamos a elencar, são contra as perspectivas de desenvolvimento em todos os âmbitos da sociedade, se configurando pela anti-modernidade, anti-inovação tecnológica, anti-culturalidade artística e de desenvolvimento intelectual, etc., sendo assim, existiria ou seria retomado uma “sociedade modelo” nos moldes de uma carga colonial.

Como uma atitude, o fundamentalismo agride ou ataca veementemente o sistema democrático implementado no Brasil por intermédio da Constituição Federativa de 1988, o código maior no país. Mas, como atitude e leitura, intenciona influenciar os vários ambientes da conjuntura social, embora se faça uso particularmente da religião. Geralmente, acompanhado de rigidez em suas observações de escrituras que remeterão em condutas e modos de vida, sendo negado outra maneira de convívio ou vivência, por ser seu ponto de vista – cosmologia, visão de realidade, quer social ou religiosa – a única verdadeira, segundo propõem. O Brasil, como é sabido de todos os nascidos em seu território, é um país da diversidade cultural, religiosa, nas artes ou em quaisquer outros aspectos que seja. Portanto, o fundamentalismo sofreria resistência para sua implementação nacional, por isso, quiçá, o uso da força/violência e abuso da piedade/fé de muitos, o que não se permite neste país continental.

Referências

- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Guarulhos: Companhia da Letras, 2001.
- AZEVEDO, Reinaldo. O IBGE e a religião – Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. *Veja*, São Paulo, 29 jun. 2012. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/#google_vignette. Acesso em: 28 jan. 2023.
- BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BOHRER, Rafael Holdefer; SILVA, Cássio Murilo Dias da. Bíblia e fundamentalismo: o discurso político. In: HAMMES, Érico João; VIAN, Ludinei Marcos; FERNANDES, Rafael Martins (org.). *III Semana Acadêmica do PPG em Teologia da PUCRS: teologia fundamental, teologia bíblica, cristologia, antropologia teológica, eclesiologia*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022. p. 153-163. Disponível em: <http://www.editorafi.org>. Acesso em: 12 dezembro 2022.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. [documento eletrônico] Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 3 mar. 2024.
- BROWN, Colin; COENEN, Lothar (org.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry (org.). *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- JULIA, Didier. *Dictionnaire de la philosophie*. Paris: Librairie Larousse, 1964.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. O impulso bíblico no Concílio: a Bíblia na Igreja depois da Dei Verbum. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 36, n. 151, p. 25-53, mar. 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/1669/1202>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica: princípios e processos de interpretação bíblica*. 2. ed. Venda Nova: Editora Vida, 1990.

Estudos Bíblicos



Distribuído sob Creative Commons CC-BY 4.0
 © 2025 aos autores.
 Publicado e Distribuído por ABIB



Revista Oficial da
 Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica